

Galípolo prevê juros altos por mais tempo pela meta de inflação



O diretor de Política Monetária e futuro presidente do Banco Central, Gabriel Galípolo. Zanone Fraissat - 29.nov.24/Folhapress

BC não vai segurar câmbio no peito, não é assim que funciona, diz Galípolo

Dólar mantém disparada e vai a R\$ 6,07, em meio a pressões do PT por intervenção; futuro presidente da autoridade monetária prevê juro alto por mais tempo para conter a inflação

Ana Paula Branco e Tamara Nassif

SÃO PAULO O diretor de Política Monetária e futuro presidente do Banco Central, Gabriel Galípolo, afirmou nesta segunda-feira (2) que a autoridade monetária não vai "segurar o dólar no peito", descartando uma possível intervenção no câmbio. A declaração ocorre em meio a uma disparada da moeda dos EUA, que renovou mais uma vez o maior patamar nominal da história, ao fechar esta segunda a R\$ 6,07.

O movimento ainda reflete a frustração do mercado com o anúncio do pacote corte de gastos feito por Fernando Haddad (Fazenda), embora fatores externos também tenham contribuído para a valorização do dólar.

Nos últimos dias, o Banco Central chegou a receber críticas por não intervir para evitar a depreciação do câmbio.

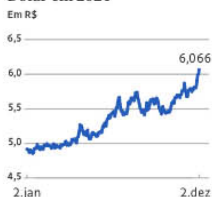
A presidente do PT, Gleisi Hoffmann, afirmou em rede social na última sexta (28) que Roberto Campos Neto, atual presidente da autoridade monetária, não fez nada para conter o que chamou de "especulação" que levou o dólar a R\$ 6 após o anúncio da nova faixa de isenção do IR.

"Era obrigação da 'autoridade monetária' intervir no mercado contra a especulação desde seu previsível início, com leilões de swap, exigência de depósitos à vista e outros instrumentos que existem para isso. É um crime contra o país", disse Gleisi.

O economista André Perfeito, em vídeo publicado no X (ex-Twitter), também apoiou que o BC atuasse sobre o câmbio para reduzir a volatilidade do dólar e colocar "água na fervura".

Galípolo, no entanto, reforçou que o BC só atua no câmbio se

Dólar em 2024



Fonte: CMA

houver disfuncionalidade.

"É uma discussão que às vezes vai surgir, de que o país tem US\$ 370 bilhões de reservas, por que não segura [o dólar] no peito? Quem está no mercado e está assistindo sabe que não é assim que funciona", disse o diretor.

Ele previu, ainda, que pode ser necessário manter a Selic (taxa básica de juros) elevada por mais tempo. "A economia está mais dinâmica, com desemprego em mínimos históricos e o real desvalorizado. Isso indica a necessidade de uma política monetária mais restritiva por mais tempo", disse, durante evento com investidores promovido pela XP.

No início do mês, o Banco Central decidiu intensificar o ritmo de alta e elevou a taxa em 0,5 ponto percentual, de 10,75% para 11,25% ao ano. A manutenção de juros num patamar restritivo também já foi criticada por integrantes do governo, incluindo o próprio presidente Lula (PT).

Galípolo comentou sobre os efeitos da política fiscal recente, sugerindo que ela pode ter impulsionado o consumo e, consequentemente, a inflação. "Talvez a progressividade da política fiscal tenha colocado mais dinhei-

Dólar paralelo na Argentina é o mais baixo no ano

O dólar blue, a moeda paralela da Argentina, atingiu nesta segunda-feira (2) o menor patamar desde maio, afirmam os jornais Clarín e La Nación. A moeda caiu 20 pesos em relação a sexta-feira (29) e fechou o dia em 1.100 pesos para venda e 1.080 pesos para compra. Já o dólar oficial fechou valendo 1.032 pesos para venda e 992 pesos para compra, alta de 50 centavos em relação a sexta.

O informal "blue" é a cotação da moeda norte-americana mais utilizada na Argentina, conhecida por ter vários tipos de dólar. O câmbio paralelo, apesar de ser clandestino, é a referência para a economia local, não o dólar oficial, cuja cotação é controlada pelo BCRA (Banco Central da República Argentina). Como a flutuação é livre, seu preço acompanha mais de perto as variações do peso argentino, refletindo a oferta e a procura pela moeda.

O jornal La Nación destaca que as cotizações do dólar informal encerraram novembro com quedas nominais pelo quinto mês consecutivo.

ro na mão de pessoas com propensão a gastar", analisou. "E isso acabou se revelando num dinamismo superior ao que a gente imaginava."

O diretor afirmou que o principal objetivo do Banco Central agora é "reancorar as expectativas" inflacionárias do mercado, já que as projeções para 2025 e anos seguintes estão acima da meta oficial de 3%, com margem de tolerância de 1,5 ponto percentual.

Sobre a reação do mercado ao pacote de corte de gastos anunciado na semana passada pelo governo federal, Galípolo disse que houve uma volatilidade inicial "no sentido de digerir as informações", com a surpresa de mudança na tributação. "No início, houve uma dúvida se o IR [Imposto de Renda] estaria correlacionado com os gastos". Ele acredita que a Fazenda seguirá explicando o pacote, com transparência.

Anunciado na quinta-feira, o pacote — que prevê uma economia de R\$ 71,9 bilhões em 2025 e 2026 — decepcionou os agentes financeiros por excluir medidas de maior impacto fiscal e incluir a elevação para até R\$ 5.000 na faixa de isenção de IR.

Além das preocupações fiscais, o cenário internacional também contribuiu para forte subida do dólar nesta segunda, com as novas ameaças tarifárias do presidente eleito dos Estados Unidos, Donald Trump, dando força à divisa em todo o mundo. No sábado (30), o republicano exigiu que os países membros do Brics se comprometam a não criar uma nova moeda ou apoiar outra divisa que substitua o dólar, sob pena de sofrerem tarifas de 100%.

Nesse cenário, o dólar subiu 1,07% nesta segunda, para R\$ 6,07. No ano, a divisa acumulou alta de 25%.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mercado Caderno: A Pagina: 13